

IRONIZANDO A VIOLÊNCIA DO PODER: UMA LEITURA DOS CONTOS DE DANIEL

Rafael Rodrigues da Silva

Resumo:

Tendo como pano de fundo a teologia da ação de Deus na história, Rodrigues da Silva a partir do texto de Dn, busca apresentar a chave da compreensão adequada da literatura apocalíptica de denúncia de uma situação de violência e opressão e de anúncio de uma esperança a partir de uma leitura crítica da realidade. Para tanto, não basta ler texto, mas lê-lo de dentro da problemática; daí a importância dos símbolos e da linguagem; apesar de a localização do cenário ser da época do exílio (s. VI a.C.) a situação concreta é refere-se à situação de 167 a 143 a.C. A seguir, Rodrigues da Silva resume a história da elaboração e redação do texto em seus diversos momentos chamando a atenção para duas cenas principais, isto é, a fornalha e o cova dos leões; o sentido das condenações e os efeitos das mesmas é discutido. Ao que parece, estes escritos, a partir da mística dos mártires, busca animar a comunidade em tempos de violência e de humilhação.

Palavras-chave: Daniel; Apocalipse: Daniel; Literatura Apocalíptica.

Abstract:

Having as background the meaning of the theology of God's action in the history, Rodrigues da Silva, using as start point the Dn book, presents a key of correct understanding of the apocalyptic literature that denounce a violent situation and announce hope in the future from a kind of critical analysis of

the reality. In this task it isn't enough just read the text, we need understand it from the within; here you are the meaning of the symbols and this special form of language. An ideal cenário is than build ut — exile time — but the real situation is that of the II century b. C. In the next step Ridrigues da Silva made synthesis of the elaboration and final redaction of Dn having in mind its several moments but focusing the attention in two scenes: the furnace and the lion's cave. The meaning of such a condemnation and effects is discussed. Is seams, than, that this kind of literature, from the martyr mystics, cheers up the community with a new spirit in times of violence and oppression.

Key-words: Daniel, Apocalyptic Literature: Daniel.

O livro de Daniel é um dos famosos livros do gênero literário apocalipse. É um *mixtum compositum*¹ de revelação² com uma estrutura narrativa,³ que busca interpretar a realidade presente,⁴ influenciando a compreensão dos ouvintes. Nesta perspectiva, é uma literatura que aponta para os sinais de esperança que estão presentes na ação de Deus na história, na restauração da vida degradada/violentada e que busca consolação diante das situações de crise. *A literatura apocalíptica não é a literatura do horrendo, mas da esperança, pois se trata da ação de Deus na história libertando a história dos poderes desumanizadores. Portanto esta literatura não fala simplesmente do fim da criação, mas da restauração da criação, restabelecendo as relações humanizadoras propostas por Deus ao mundo.*⁵ Para muitos expressa a ação de Deus nos finais dos tempos revelada de maneira simbólica e mítica a grandes personagens do passado. Daí a conotação de escritos obscuros e secretos, reservada a grupos particulares, que sempre suscitam a curiosidade dos leitores e ouvintes, pois elaboram o julgamento do mundo celestial sobre o destino do nosso mundo.⁶

Se tomarmos os livros de Joel e de Daniel, veremos que são livros, de certa maneira, inseridos na literatura profética, mas que literariamente tem as características de um apocalipse. O livro de Joel descreve uma grande catástrofe a partir de uma invasão de gafanhotos e transparece uma releitura do grande *dia de Javé* como encontramos na profecia de Amós, Sofonias e outros; e o livro de Daniel, de modo geral, apresenta uma releitura (na ótica da sabedoria) da novela de José (Gn 37-50), pois Daniel, que está na corte de Nabucodonosor, tem a função de interpretar os sonhos do mandatário. A grande diferença entre José e Daniel é que o primeiro tem uma interpretação dos sonhos condizente com os projetos e planos econômicos do faraó, enquanto Daniel, em tons apocalípticos, interpreta os sonhos

¹Expressão de G. VON RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, ASTE, 1974, vol. 2, p. 455.

²Cf. A. D. MACHO. *Apócrifos del Antigo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1984, vol. 1, p. 45; J. CARMIGNAC. Qu'est-ce que l'apocalyptique? Son emploi à Qumrán. *REVUE DE QUMRÁN* 10 (1979), p. 20; C. MESTERS – OROFINO, F., *Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria*. Círculos Bíblicos. São Leopoldo, CEBI, A Palavra na Vida 119/120, 1997, p. 14.

³Cf. J. J. COLLINS. The Morphology of a Genre. *SEMEIA*, 14 (1979), p. 9; M. DE BOER. A influência da apocalíptica judaica sobre as origens cristãs: gênero, cosmovisão e movimento social. *ESTUDOS DE RELIGIÃO* 19 (2000), p. 12.

⁴Cf. L. GARMUS. Traços apocalípticos em Ezequiel 38-39. Em *ESTUDOS BÍBLICOS* 65, (2000), p. 38.

⁵Cf. Á. BORGES DE SOUSA. O fim do mundo no livro de Daniel: a esperança do novo. Em *ESTUDOS BÍBLICOS* 59 (1998), p. 24.

⁶Cf. N. COHN. *Cosmos, Caos e o mundo que virá*. As origens das crenças no Apocalipse. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 215-216.

do rei contra ele próprio, chamando-o até de animal (Dn 4). Daniel elabora uma crítica radical, conhecida por todo o povo, menos pelo opressor. O texto é tremendamente irônico, e, em última instância, o opressor devia ter conhecimento da situação.

Se a profecia fala do amanhã a partir da história e de fatos do presente, o apocalipse descreve o futuro para além da realidade vivida, pois esta literatura surge em períodos de perseguição para animar a esperança do povo.⁷ Os *apocalipses* anunciam, por um lado, o juízo de Deus que põe fim à crise que o povo sofre e, por outro, a chegada iminente do reino sem fim na história. Não é por menos que uma das características do gênero apocalíptico consiste na divisão da história em períodos (periodização da história), culminando na vitória contra as potências adversas e poderosas que praticam extrema violência (o livramento dos justos e o castigo para os ímpios).

Os apocalipses apresentam uma linguagem em forma de protesto e resistência ao poder opressor e centralizador. E o jeito de escrever é carregado de sutileza, pois o texto remete para acontecimentos do passado. O grande instrumento do apocalipse é o recurso do pseudônimo, ou seja, o autor não se apresenta e tem um outro nome que veio da tradição ou dos acontecimentos passados que eram conhecidos pelo povo. Deixa transparecer a tentativa de uma legitimação das coisas que estão falando e, de modo sutil, um jeito de criticar sem se expor. Por exemplo, o livro de Daniel, que foi escrito ao redor dos conflitos e da guerrilha entre os Macabeus e os generais selêucidas e os judeus que abraçaram o projeto dos dominadores (entre os anos 167 a 142 a.C.), apresenta o seu personagem principal em meio à situação de perdas e de crise que fora instaurada nos dias da invasão de Nabucodonosor. Os autores do *apocalipse* de Daniel lançam um olhar para o passado (situação de exílio — 587 a.C.) com o objetivo de ajudar os leitores a interpretar a realidade de perseguição e perda de identidade que estão vivendo no presente (violência e perseguição de Antíoco IV Epifanes).

Os apocalipses elaboram uma linguagem altamente simbólica. Causa estranheza no leitor que toma contato com o texto pela primeira vez, pois o apocalipse num primeiro plano apresenta as imagens de domínio popular (leão, urso, leopardo, águia e outros animais) e, depois, num segundo plano, imagens jamais vistas pelo povo (leão com asas de águia, leopardo com quatro cabeças, animais com dez chifres e outros animais terríveis). O símbolo apocalíptico acaba tendo um grande significado para o leitor atento aos acontecimentos que está vivendo. O leitor que estava vivendo entre os anos 167 a 142 a.C. conhecia muito bem os animais terríveis e horrendos de Dn 7.

⁷ Cf. G. BRAKEMEIER. Profecia: seu significado na tensão entre Antigo e Novo Testamento. Em *ESTUDOS TEOLÓGICOS*, 22 (1982), 2, p. 160.

O leitor atento aos acontecimentos que estamos vivendo é capaz de compreender as charges que circulam em nossos jornais.

Ao mesmo tempo em que descobrimos o que é um apocalipse, encontramos um caminho para entender os objetivos e as finalidades dos textos apocalípticos. Os apocalipses querem ajudar os leitores a construírem, a partir de seus ambientes e lugares sociais, uma leitura da conjuntura. Estes textos simbólicos buscam uma compreensão da realidade, ou seja, ajudam as comunidades perseguidas e oprimidas a entender a opressão e a buscar pistas de saída. Um primeiro passo para sair da crise e das amarras do poder é reconhecer quem são os dominadores e que o seu poder tem fim. Se a profecia, em tempos passados, afirmava que *o império não salva!*, agora, os grupos apocalípticos dizem: *não salva e não ajuda em nada; só faz é violentar e destruir!*. Portanto, vêem claramente que o império é simplesmente devastador, pois destrói a cultura, as tradições e a própria vida.

Os apocalipses que encontramos na Bíblia são, nada mais, que uma das maneiras de resgatar a profecia antiga a partir da elaboração de uma leitura conjuntural e de uma linguagem de resistência da casa. A linguagem simbólica esconde e, ao mesmo tempo, revela.

Isto por quê? Porque tanto o poder do império quanto a resistência das comunidades oprimidas se assentam na língua (linguagem). Pois um apocalipse procura animar a mística dos grupos que resistem. Só poderemos entender o simbolismo e as finalidades de um apocalipse se levarmos em conta o imaginário, a sabedoria dos grupos que resistem, a força que os anima a lutar e o jeito de exercer a profecia. Tomando o simbolismo pelo simbolismo, acabamos por destituir o texto: se eu quiser saber o significado do bicho que aparece no texto, simbolizando o império — sem que eu entenda a história, o passado, a experiência, a leitura conjuntural que o grupo está produzindo —, tal empreendimento transforma-se num mero saber [erudito] do texto, que não me traz conseqüências práticas e, muito menos, a espiritualidade presente no texto.

Todo apocalipse exige uma leitura a partir de dentro. Nesta perspectiva saberemos ler o livro (texto) e, ao mesmo tempo, olhar para a nossa realidade. É necessário ser crítico, profético e sábio diante de tanta violência.

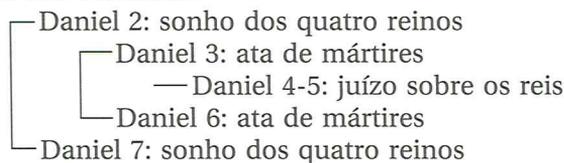
Uma das tradições carregadas de novidades no livro de Daniel são os contos e lendas dos capítulos 2-7, que se constituem de relatos leves, amenos, muito conhecidos e com conteúdo teológico profundo, mas que constantemente correm o risco de serem interpretados superficialmente.⁸ Nestes capítulos se entrelaçam diálogos, narrativas, sentenças, orações, so-

⁸ Cf. J. L. SICRE DIAZ. *Profetismo em Israel*. O profeta. Os profetas. A mensagem. Petrópolis, Vozes, 1996, pp. 445-446

nhos, interpretações e teologia. São algumas das características de como o livro de Daniel é apresentado na Bíblia Hebraica. E olhando de perto o conjunto do livro, percebemos algumas unidades, provavelmente de distintas fontes, que o compõem. De certa maneira, as palavras/orações que formam o texto têm uma estrutura ou uma rede de relações que é portadora de sentido. Porém, vale salientar que deparamos no texto não só com o que está articulado ou explícito, mas também com o não articulado e implícito. É caminhar na descoberta das relações internas do relato, da sua ênfase e de uma melhor compreensão de seu sentido.

Numa primeira aproximação ao conteúdo do livro de Daniel, percebemos que ele pode ser dividido em duas partes. Na primeira parte (Dn 1-6), deparamos com narrativas de sonhos e interpretações e casos de condenação e livramento no contexto das cortes dos dominadores (de Nabucodonosor a Dario e Ciro). Esta primeira parte, narrada em terceira pessoa, compõe-se de *'aggadôt* (histórias populares).⁹ Na segunda parte (capítulos 7-12), a descrição dos sonhos e das visões de Daniel com uma forte conotação futurista.¹⁰ Porém, tomando as duas versões lingüísticas do livro como um parâmetro de divisão, temos, de um lado, os capítulos 1,1 – 2,4a + 8 – 12 e, do outro, 2,4b – 7,28. Hans de Wit propõe que o texto aramaico seja dividido em duas partes (2,4b – 6,28 e 7,1-28), enquanto outros autores sugerem que o capítulo 7 foi acrescentado para servir de ponte e eixo entre as duas versões: 1, 1 – 2,4a (hebraico) + 2,4b – 6,28 (aramaico) + 7,1-28 (aramaico) + 8, 1 – 12,13 (hebraico).¹¹

Numa leitura despreziosa de Daniel 2 – 7 percebe-se um paralelismo entre os capítulos 2 e 7 no tocante ao esquema dos quatro reinos, formando assim uma estrutura em forma de quiasmo. Da mesma forma que os capítulos 3 e 6 se relacionam como casos de libertação e atas de martírio, o miolo do livro se concentra nos capítulos 4 e 5, que apresentam críticas aos reis.¹² Estamos diante de um livro bem organizado. Vejamos a coerência e a unidade deste livro em sua forma literária e no seu conteúdo.



Proponho na leitura dos contos de Daniel que tomemos os capítulos 3 e 6 como um ensaio de como estas narrativas estão produzindo uma análise da conjuntura e uma ironia aos sujeitos mais violentos e semeadores do terror que conheceram: o império e seus mecanismos em meio à aristocracia local.

⁹ Cf. H. DE WIT. 'Brilharão os entendidos...' – O livro de Daniel: perseguição e resistência. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*. 35/36 (2000), p. 138.

¹⁰ Cf. J. J. COLLINS. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1984, p. 28.

¹¹ Cf. H. DE WIT. 'Brilharão os entendidos...' – O livro de Daniel: perseguição e resistência, op. cit., p. 138.

¹²Exemplos de alguns comentários, podem ser encontrados na bibliografia complementar no final do texto.

Daniel 3 e 6: Atas de martírio. Vitórias dos inocentes contra a violência e o poder!

Daniel 3 e 6 fazem parte do gênero literário *legendas de mártires* e podem ter existido como narrativas isoladas (independentes). Porém, estão inseridas no contexto das intrigas palacianas. Aliás, tanto os três companheiros (Dn 3,12) quanto Daniel (Dn 6,3) ocupam posições políticas de grande importância e prestígio no reinado. Se, no capítulo 3, os companheiros de Daniel vão parar na fornalha de fogo, agora, Daniel é lançado na cova dos leões. Ser lançado no crematório ou na cova dos leões é sinal de afronta e desobediência aos decretos reais. Os três amigos serão lançados no fogo porque não se prostraram perante a imagem de ouro de Nabucodonosor, e Daniel será lançado na cova dos leões porque fizera pedido e orações a outros deuses, pois deveria fazê-los somente ao rei. Nos dois relatos deparamos com a desobediência aos decretos do rei. Fornalha e cova dos leões fazem parte das medidas violentas dos governantes frente aos rebeldes.¹³

É interessante notar uma questão antes de ler e perceber a organização do texto e a sua relação com o capítulo 6. O herói do livro, Daniel, não é mencionado no texto, pois os heróis são Sadraque, Mesaque e Abednego. Para o texto, Daniel não existe. Aage Bentzen vê aí uma possibilidade para afirmar o caráter independente das narrativas.¹⁴ Será que podemos imaginar que existam outros interesses para o redator não mencionar ou não adicionar o nome de Daniel à narrativa? Penso que, na construção destes contos, o redator final ou compilador manteve Dn 3 e 6 enquanto textos independentes e totalmente interligados pela presença-ausência dos protagonistas da desobediência civil e religiosa (em Dn 3 são os três companheiros e em Dn 6 é Daniel).

Podemos apresentar a seguinte estrutura desta narrativa:

v. 1-7 – Introdução: A construção da estátua e a ordem de adoração

1. Construção da estátua: sua descrição e localização – v. 1

2. Convocação dos magistrados para a consagração da estátua – v. 2-3

3. Proclamação do mensageiro:

Ordem e decreto do rei – v. 4-5

Ameaça para quem desobedecer – v. 6

Submissão do povo – v. 7

v.8-12 – Acusação contra os judeus

v.13-18 – Interrogatório

1. Convocação e apresentação dos acusados – v.13

¹³ Veja o meu ensaio sobre a desconstrução das imagens de poder e a construção de um imaginário de esperança no livro de Daniel. Cf. R. RODRIGUES DA SILVA, Mo(vi)mentos entre a imaginária da opressão e o imaginário da esperança: Uma leitura do livro de Daniel". Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 39 (2001), pp. 82-100.

¹⁴ Cf., A. Bentzen. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, ASTE, 1968, p. 221.

2. Interrogação feita pelo rei – v. 14-15

3. Resposta dos acusados – v. 16-18

v. 19-23 – Condenação

1. O rei se enche de furor e manda aquecer a fornalha – v.19

2. Os três acusados são atados e lançados no fogo – v.20-23

v.24-25 – Admiração do rei por ver quatro homens soltos e sem lesão

v.26-30 – Livramento, libertação e novo decreto do rei.

Analisando as grandes partes que compõem este capítulo, Hans de Wit aponta para a fornalha de fogo como o lugar central, bem como de onde parte toda mudança e transformação da situação. Ele estrutura o texto de forma concêntrica ou como um quiasmo.¹⁵

¹⁵ Veja mais dados sobre o quiasmo na nota complementar. Cf. H. DE WIT. Quem é o Deus que tem o poder de vos libertar das minhas mãos? (Relendo Daniel 3). Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 2 (1988); H. DE WIT, *Libro de Daniel: una relectura desde América Latina*. Santiago, Rehue, 1990, p. 134.

Este conto da corte, enquanto legenda, tem, por um lado, um caráter hiperbólico, como podemos notar na descrição da altura da estátua, na menção aos gêneros e instrumentos musicais, entre outros, e, por outro lado, um tom sarcástico e irônico frente ao poder dos reis. De um rei irado e raivoso para um governante pasmado que chega até a confessar a superioridade do Deus dos judeus. Muitos comentários exegéticos e hermenêuticos revelam que esta narrativa (também o capítulo 6) tem uma grande afinidade com as legendas de martírio. Basta comparar este nosso texto com o episódio descrito em 2Mac 7 da mãe e os sete filhos que são interrogados, torturados e condenados por Antíoco IV Epífanes (esta é a comparação que encontramos em 4 Mc 16,3).

Outra característica deste conto reside nas histórias sobre conflitos palacianos a exemplo das histórias de José, Ester e outros. John Joseph Collins vai dizer que estes relatos são, em grande parte, construídos e estruturados sob cinco aspectos: (a) os heróis da narrativa estão numa situação de prosperidade; (b) daí correm perigo por causa das ações planejadas por seus conspiradores; (c) que resultam na condenação à morte ou prisão; (d) porém, por várias razões, os acusados são libertos; (e) e, por fim, não só tem a sua sabedoria e méritos reconhecidos, como são exaltados e adquirem mais honras e poder.¹⁶

¹⁶ Cf. J. J. COLLINS. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*. The Forms of the Old Testament Literature. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1984, vol. 20, p. 55.

Não podemos esquecer que esta legenda está carregada de elementos religiosos e culturais. De um lado, o tom miraculoso da preservação e libertação dos três judeus do meio da fornalha e, de outro, a forte conotação cultural da adoração da estátua à conversão do rei e promulgação de um decreto proibindo qualquer blasfêmia contra o Deus dos judeus (eis os aspectos culturais no texto: a estátua de ouro que representa o rei (divinizado) ou alguma divindade; a adoração à estátua; a música e

os instrumentos musicais, a acusação de que os judeus não servem aos deuses do rei; o desafio do rei; a resposta dos judeus; a conversão do rei e o decreto contra quem blasfemar contra o Deus dos judeus).

John Joseph Collins apresenta seis aspectos constituintes em Daniel 3: (1) a mensagem do arauto nos v. 4-5 aparece na forma de uma ordem ou decreto; (2) a acusação a Sadraque, Mesaque e Abednego, nos v. 9-12, consiste de dois momentos: a lembrança do decreto e a afirmação de que eles não agem de acordo com a ordem do rei; (3) as interrogações do rei constituem um elemento típico das narrativas de martírio; (4) a doxologia colocada na boca de Nabucodonosor representa uma espécie de síntese de um hino de louvor e ação de graças; (5) o decreto real no v. 29 é uma composição que tem semelhança com outros decretos (Esd 4-7) e proximidade com as ameaças do decreto do rei em Dn 2; (6) finalmente contém listas: dos oficiais (v.2-3), dos instrumentos musicais (v. 5, 7, 10 e 15) e a referência aos povos e gentes de todas as línguas (v. 4, 7 e 29).¹⁷

No conjunto de Daniel 3 percebemos três questões em jogo: a provação do justo, a liberdade de adoração e culto e o decreto contra as blasfêmias ao Deus dos judeus. A não adoração da estátua resulta num crime contra a majestade, e a punição para aqueles que cometem tal delito é a morte numa fornalha de fogo ardente (crematório). Na salvação miraculosa dos judeus que transgrediram o decreto do rei aparece a figura de alguém como um *filho de Deuses*,¹⁸ e o martírio e salvação desses três judeus produz uma tamanha ironia: da boca do tirano sai um elogio à desobediência¹⁹ e a prática dos desobedientes torna-se decreto.²⁰

Vale salientar que se tem sugerido que esta legenda é simultaneamente uma espécie de midrash de Is 43,2 onde Javé é o Goel que resgata (liberta) o seu povo das águas e do fogo: *Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo não te queimarás, nem a chama arderá em ti.*

A trama da história de Dn 6, a famosa cena da cova dos leões, é muito similar a Dn 3 e é uma variante na trama folclórica acerca da *desgraça e reabilitação de um ministro*.²¹ Os motivos que configuram os conflitos dentro da corte palaciana estão, de um lado, na recusa dos três judeus em adorar a estátua (Dn 3) e, do outro, na destruição dos magistrados que conspiraram contra Daniel, o justo inocente. Vejamos como se estrutura Dn 6:²²

v. 1-4 – Introdução: subida de Daniel ao poder

1. E Dario ocupou o reino (ligação com o capítulo anterior)

¹⁷ Cf. Flavio Josefo, *Antiquidades Judaicas*, 12.3.4-4 GG 129.153; J. J. COLLINS. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*, op. cit., p. 56.

¹⁸ Cf. G. VAN GRONINGEN, *O Conceito Messiânico nos Profetas Posteriores. A Revelação Messiânica durante o Exílio – 2: Daniel*, 2003, pp. 766-67.

¹⁹ *Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro Deus, senão o seu Deus. Por mim pois é feito um decreto, pelo qual todo o povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, seja despedaçado e suas casas sejam feitas um monturo, porquanto não há outro Deus que possa livrar como este.* (v. 29-30)

²⁰ Cf. H. DE WIT. 'Brilharão os entendidos...' op. cit., p. 141.

²¹ Idem, p. 71.

²² Tomo como notas para esta proposta de estrutura de Dn 6 os comentários de John Joseph Collins. Cf. J. J. COLLINS, *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*, op. cit., pp. 70-71; H. DE WIT. *Libro de Daniel*, op. cit., pp. 157-163.

2. Estrutura administrativa do reino (v. 2-3) mostra uma visão da estrutura política do reino. Trata-se de uma hierarquia de poderes delegados.
3. Daniel se distingue por haver nele espírito excelente (v. 4)
- v. 5-11 – Conspiração para condenar Daniel e o decreto do rei
 1. Daniel e rivais (v. 5-6): a justiça e confiabilidade de Daniel são motivos de ódio. Tinha como alternativas morrer ou mudar de religião.
 2. Os rivais e o rei (v. 8-10).
 3. reação de Daniel diante do decreto: desobediência (v. 11). A adoração a Javé se torna delito.
- v. 12-20 – Condenação
 1. Espionagem e denúncia dos ministros (v. 12-14)
 2. A impotência do rei diante do decreto assinado e da pressão dos ministros (v. 15-16)
 3. Daniel é lançado na cova dos leões (v. 17-18)
 4. reação do rei: jejum, perda do sono e vai até a cova de madrugada (v. 19-20)
- v. 21-25 – Libertação e livramento
 1. Daniel e o rei (v. 21-24): livramento e recompensa do justo inocente
 2. Condenação dos injustos: os rivais são lançados na cova dos leões (v. 25)
- v. 26-28 – Proclamação e decreto do rei
 1. Saudação (v. 26)
 2. Decreto e reconhecimento do Deus de Daniel como verdadeiro (v. 27a)
- C – Doxologia (27b-28)
- v. 29 – Conclusão: e Daniel prosperou nos reinados de Dario e Ciro.

Não é impossível perceber algumas costuras na construção desta narrativa. Por isso, há autores que apontam uma estrutura concêntrica para este capítulo.

- A – v. 1-4: Daniel que se destaca entre os príncipes e sátrapas
- B – v. 5-11: inveja dos magistrados, o decreto do rei e a oração de Daniel
- C – v. 12-15: espionagem e denúncia contra Daniel
- D – v. 16-18: Condenação: Daniel é lançado na cova dos leões
- E – v. 19-23: o rei triste faz jejum e pergunta se o Deus de Daniel o livrara dos leões e a resposta de Daniel: o meu Deus enviou o seu anjo...
- D' – v. 24: Livramento: Daniel é retirado da cova dos leões
- C' – v. 25: aqueles que acusaram Daniel são lançados na cova dos leões
- B' – v. 26-28: novo decreto do rei e a oração do rei
- A' – v. 29: E Daniel prosperou no reinado de Dario e de Ciro.

Esta narrativa evoca a tomada da Babilônia em 539 nos dias de Ciro; porém não encontramos reminiscência histórica. As informações são aparentemente inexatas, por exemplo: a formação das satrapias no reinado de Dario é consensual entre os historiadores da Antigüidade, no entanto, o número que é apresentado pelo autor de Dn 6 é um tanto quanto exagerado. As satrapias não ultrapassam o número de 20, e não 120, como diz o relato (o número, segundo o testemunho de Heródoto, é de vinte satrapias).²³ O autor lê a história a partir de sua experiência: o justo que agora é violentado e sofre inocentemente. Neste sentido, podemos intuir que uma das metas do autor esteja relacionada com uma tentativa de explicar e tornar transparentes as causas da perseguição do justo inocente.

A narrativa dá detalhes acerca da pressão exercida pelas autoridades a fim de forçar os judeus (tanto na diáspora quanto na Judéia) a romper com a fidelidade a Javé e prestar culto ao soberano divinizado. A não obediência a tal decreto resultaria em martírio. Esta não parece ter sido uma prática nos tempos de domínio persa (tomando textos de referência sobre as relações entre o *império benevolente* e os judeus).²⁴ Sabe-se que, a partir de 169, o rei Antioco IV Epífanes quis obrigar todos os súditos a participarem do culto ao deus dinástico Baal Shamêm, identificado com o deus grego Zeus Olimpo, do qual ele se considerava a manifestação (dando o cognome de *deus manifestado* Epífanes). Daí faz sentido Dn 6 girar em torno da obrigação dos súditos de somente rezar para os deuses do rei e ao próprio rei divinizado.

A narrativa redigida na terceira pessoa tem um caráter didático, ou seja, ao contar o fato tenta ajudar o ouvinte ou leitor a estabelecer uma ponte com a sua conjuntura. Talvez, por isso, ocorra profusamente o adjetivo demonstrativo acompanhando um nome próprio: *estes sátrapas* (v. 3); *aqueles homens* (v. 6, 12, 16 e 25); *estes presidentes e sátrapas* (v. 7); *esse Daniel* (v. 4, 6 e 29), etc. No entanto, a imagem da vitória de Daniel sobre os conspiradores (Daniel sai ileso da cova dos leões, enquanto os conspiradores e seus familiares são devorados pelos leões) vai servir de força e conforto para outros grupos que, numa outra conjuntura, estejam enfrentando dura perseguição. A saída de Daniel da cova dos leões vai ser considerada uma releitura do Salmo 57 (especialmente os v. 4-6),²⁵ e esta imagem estará presente nos Livros dos Macabeus (1Mac 2,60 e nos apócrifos 3Mac 6,7²⁶ e 4Mac 16,3.21),²⁷ bem como na alusão que é feita em Hb 11,33-34.²⁸

Enfim, estas duas narrativas ao redor do martírio e da vitória do justo inocente que formam a segunda moldura do livro aramaico de Daniel apresentam, de um lado, a teologia da aju-

²³ Cf. P. GRELOT. *O livro de Daniel*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 26; J. J. COLLINS. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*, op. cit., p. 72.

²⁴ Veja nota complementar 2.

²⁵ Conforme a tradução de J. FERREIRA DE ALMEIDA. *A Bíblia*: Edição Revista e Corrigida. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

²⁶ Cf. tradução de I. RODRÍGUEZ ALFAGEME. Em DIEZ MACHO, A. (Ed.), *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1983, vol. 2, p. 500.

²⁷ Cf. Tradução de M. LÓPEZ SALVÁ. Em DIEZ MACHO, A. (Ed.) *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1982, vol. 3, p. 161-162.

²⁸ Cf. P. Grelot. *O livro de Daniel*, op. cit., p. 44.

da do Deus de Israel no enfrentamento dos conflitos e, de outro, a desobediência e o desmascaramento do tirano.

Dn 3 e 6, ao invés, apresentam uma situação de real conflito. Em ambos os casos os fiéis adoradores de Javé, Daniel (Dn 6) e os três jovens (Dn 3), encontram-se em perigo de morte mais que iminente. Mas a ajuda do Deus de Israel os salva dos ciúmes de funcionários invejosos. Uma vez mais, não é o sistema em si que leva os quatro israelitas à borda do precipício. Os que provocam sua desventura são indivíduos isolados, e Deus se encarrega de resolvê-la. No final de ambos os casos (Dn 3,95-97: 6,20-29) encontram-se outra vez esplêndidas confissões de fé nos lábios dos reis pagãos, Nabucodonosor e Dario, o babilônico e o medo, dando a entender com a dupla origem política a validade da confissão de fé: os poderes políticos estrangeiros, sejam eles quais forem, reconhecem o Altíssimo.²⁹

²⁹ Cf. J. M. ASURMENDI. Daniel e a apocalíptica. Em AAVV, *História, narrativa, apocalíptica*. Introdução ao estudo da Bíblia. São Paulo, Ave-Maria, 2004, vol. 3b, p. 428.

Nestes dois capítulos a desconstrução e ironia ao poder passam pelo enfrentamento e desobediência de Daniel e seus companheiros. Sofrem condenação, mas são libertos. Segundo John Dominic Crossan, estes dois relatos fazem parte das narrativas proféticas de resgate do inocente e têm a seguinte estrutura: 1) a apresentação da situação do inocente diante de um tribunal; 2) é vítima de uma acusação falsa; 3) recebe uma injusta condenação e 4) é libertado e restaurado.³⁰

³⁰ Cf. J. D. CROSSAN. *O Jesus histórico: A vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro, Imago, 1994, pp. 423-424. O autor analisa os modelos de relatos de julgamento que possam estar na origem da narrativa da paixão. O autor apresenta o esquema presente nos relatos de resgate de inocente (situação; acusação; condenação; libertação e restauração) na saga de José em Gn 37-50 e Sl 105,16-22; na saga de Tobias (1,18-22); na narrativa de Daniel na cova dos leões (Dn 6) e de três judeus na fornalha de fogo ardente (Dn 3); na novela de Ester, no caso de Susana e na narrativa dos judeus egípcios em 3 Macabeus.

Se, em Dn 3, o clímax do drama está na fornalha que produz a inversão de papéis e valores (v. 19-23), vamos encontrar no centro da ironia de Dn 6 a figura de um rei triste, que faz penitência e quase tem a certeza de que o Deus vivo de Daniel é capaz de livrá-lo da boca dos leões. Interessante que, em Dn 3, Nabucodonosor lança o desafio de que não há Deus que possa livrar os três companheiros de Daniel da fornalha e de suas mãos, mas, no final, é obrigado a reconhecer o Deus deles como o único capaz de tal livramento.

Este é o teor da louvação e declaração epistolar do rei para todos os povo, nações e línguas que moram em toda a terra. Primeiramente declara a razão do escrito (v. 32: *pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo*) e depois apresenta a sua louvação (v. 33: *Quão grande são os seus sinais, e quão poderosas as suas maravilhas! O seu reino é um reino sempiterno, e o seu domínio de geração em geração*). Podemos conferir a relação destes versos com o capítulo 6: a saudação do v. 31 está em paralelo com 6,25, e a sua louvação acerca dos sinais e maravilhas do v. 33 tem correlação com 6,27. Com isso, podemos perceber o quanto estes dois capítulos estão totalmente entrelaçados.

Descobrimos um livro de contos destinado para as comunidades de fiéis que foram humilhados em seus costumes, arrasados em sua identidade, violentados em sua dignidade, oprimidos economicamente, dominados e marginalizados no âmbito político-social. Livro que anima a mística dos mártires da perseguição e da violência institucionalizada. Ao mesmo tempo, fortalece a fé e a luta pela paz. Assim, os contos (sonhos, visões e atas de martírio) convocam o povo à oposição contra as tiranias e barbáries dos homens de plantão no poder. Oxalá, a leitura do livro de Daniel nestes tempos de tirania, corrupção e violência das armas, das drogas e do tráfico humano possa iluminar a experiência de fidelidade religiosa de muitas pessoas contra os impérios que massacram vidas. E fortaleça o povo oprimido e violentado a vencer as fornalhas e as covas dos leões.

* * *

Informações complementares à nota 15:

A: v.1 província da Babilônia

B: v.2-7 o decreto

C: v.8-12 acusação

D: v.13-18 cólera, para a fornalha!

E: v.19-23 A FORNALHA ARDENTE

D': v.24-26 pasmo: "vinde e saí para fora!"

C': v.27 justificação

B': v.28-29 (novo) decreto

A': v.30 província da Babilônia

Informações complementares à nota 24:

Uma das marcas da ação dos persas na Judéia e Samaria está na imagem de um povo *tolerante* com a cultura e as práticas religiosas dos povos dominados. Esta imagem acaba escondendo as ações violentas e opressoras do império. A escassez e a pobreza obrigaram a muitos a recorrer à lei do restolho ou à prática de recolhimento do resto da colheita (Rt 2,2) e levou a uma constante perda da terra (Rt 2,3; 4,3.9). O alvo principal dos persas é a ampliação do seu poder econômico com o auxílio/ajuda e colaboração dos deportados que perderam suas raízes, sua identidade e religião. O edito de Ciro (Esd 1,2-4; 6, 3-5 e 2 Cr 36,22-23), que muitas vezes lemos como ato de benevolência dos persas para com o povo, no entanto, faz parte dos projetos econômicos do novo império. Os persas querem controlar a nova rota comercial: do ouro e da prata (rota comercial que liga o comércio da Arábia e o Mar Egeu). A religião do templo está totalmente dominada pela ideologia persa. O templo passou a funcionar como local do câmbio. O produto do povo vira moeda. Neemias 5,1-5 apresenta o grande

clamor do povo diante da situação em que foram submetidos. É um protesto a partir das marcas e chagas profundas advindas da dívida e do projeto persa: *Subiu um grande clamor dos homens do povo e suas mulheres contra seus irmãos judeus*. A cada grito nos deparamos com os agravamentos sociais do processo de endividamento. Junto com o aumento gradativo da fome vem a perda da terra e da casa. Outros irão gritar contra a situação de penhora dos campos e de tomar dinheiro emprestado para pagar os tributos do rei. Este texto descreve a crise econômica que fora instaurada no meio do povo pela política econômica dos persas. De um lado, o grande lucro dos chefes e dos nobres que escravizam os filhos e as filhas dos camponeses, exploram e vivem das benesses adquiridas através da política de aliança e de *tolerância* imposta pelo império. E, do outro, um grande contingente de empobrecidos esperneando e gritando contra os seus opressores. A dominação helênica (333 – 63) soube aproveitar da organização já instaurada pelos persas. São vários os aspectos no jeito dos generais Lágidas e Selêucidas de dominar. A novidade trazida pelos generais reside no aluguel da cobrança de impostos e na possibilidade de uma certa emancipação para a aristocracia local (leiga) para fazer frente ao poder institucional.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AA. VV., *Apocalipsismo*. Coletânea de Estudos. São Leopoldo, Sinodal, 1983.
- COLLINS, J. J., *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1989.
- DE WIT, H., *Libro de Daniel*. Una relectura desde América Latina. Santiago, Rehue, 1990.
- DELCOR, M., Studi sull'apocalittica. Em *STUDI BIBLICI*, 77 (1987).
- PIERCE, R. W., Spiritual Failure, Postponement, And Daniel 9. Em *TRINITY JOURNAL* 10 (1989) pp. 211–222.
- RICHARD, P., O povo de Deus contra o Império. Daniel 7 em seu contexto literário e histórico. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 7 (1990) pp. 22-40.
- RODRIGUES DA SILVA, R., Mo(vi)mentos entre a imaginária da opressão e o imaginário da esperança – Uma leitura do livro de Daniel. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 39 (2001) pp. 82-100.
- WOODRUFF, A. M., *Reino, realeza e povo no Livro de Daniel*. São Paulo, 20 de abril de 1990, 23 p. (ensaio mimeografado).